

DESAFIOS DAS PERSPECTIVAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

João Francisco de Souza

O **I Seminário Educação e Contemporaneidade**, atividade do Projeto Ações Culturais de nosso Centro, foi coordenado pela professora Leda Dantas, responsável por esse projeto. Realizou-se propositadamente, no dia 25 de novembro por ser esse o *Dia Internacional de Luta contra a Violência à Mulher*.

Por que a primeira atividade do projeto tratou da temática da mulher? Dentre as várias razões, destacamos duas: a primeira é o fato de, majoritariamente, o alunado do Centro de Educação da UFPE ser do sexo feminino; a segunda por não se ter dado até o momento a importância devida à questão das relações de gênero em nossa prática docente e investigativa. Gostaríamos, como está afirmado no número de lançamento da publicação, CADERNOS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO Nº 0, que essa temática fosse valorizada entre nós .

Por outro lado, a realização em Beijing, China, em 1995, da **IV Conferência Mundial sobre a Mulher**, com sua respectiva *Declaração e Plataforma de Ação*, nos compromete a todos – mulheres, homens, governos, sociedade civil, pesquisadores e docentes - com a construção de novos destinos para a humanidade no limiar do Terceiro Milênio. Esse novo destino será aquele que a sociedade garantir à mulher.

A Declaração de Beijing reconhece que *“a situação da mulher progrediu em alguns e importantes sentidos na última década, mas esse progresso tem sido irregular: as desigualdades entre homens e mulheres continuam e ainda permanecem grandes obstáculos, que têm trazido sérias conseqüências para o bem-estar de todos”*.

Por outro lado, não esquece a Declaração ser essa situação agravada pela crescente pobreza que afeta a vida da maioria da população mundial, em especial a das mulheres e crianças, e é percebida tanto no âmbito nacional quanto internacional. Reafirma, seguindo as perspectivas das demais Conferências Mundiais, patrocinadas, nesta década, pelas Nações Unidas, que o objetivo dessa Conferência sobre a Mulher é *“alcançar a igualdade, o desenvolvimento e a paz”*.

O objetivo fundamental desse documento é *“a promoção e o progresso das mulheres, incluindo o direito à liberdade de pensamento, consciência, religião e credo”*. Esse novo estatuto da mulher, na sociedade internacional e no interior de cada uma das nações, contribuirá para a conquista dos padrões morais, éticos, espirituais e intelectuais de homens e, necessariamente, de mulheres, individualmente ou em associação com outros, garantindo-lhes, desse modo, a possibilidade de realizarem totalmente suas potencialidades na sociedade e de construir suas vidas de acordo com suas próprias aspirações.

Nessa perspectiva, destaca-se como plataforma mais urgente – enquanto um princípio orientador do posicionamento das nações para seu crescimento – a erradicação da pobreza no mundo, tendo como base um crescimento econômico sustentável e a garantia de níveis crescentes de escolarização das mulheres e meninas. Afirmar a Declaração que

“A erradicação da pobreza deve ser baseada no crescimento econômico sustentável, no desenvolvimento social, na proteção ambiental e na justiça social; isso requer a

participação da mulher no processo de desenvolvimento econômico e social, com oportunidades iguais, e a participação social e igualitária de homens e mulheres como agentes e beneficiários de um desenvolvimento sustentável voltado para a pessoa humana”.

Esse é o maior desafio e só poderá ser enfrentado se forem tomadas

“todas as medidas necessárias para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e as meninas – removendo todas as barreiras à igualdade entre os sexos e ao progresso e capacitação da mulher – bem como para a erradicação dos fatores que causam a pobreza feminina, enfrentado as raízes da pobreza com reformas nas estruturas econômicas, de modo a assegurar a todas as mulheres, inclusive às das zonas rurais, a igualdade de acesso, como elementos vitais do progresso, aos recursos produtivos, às oportunidades e serviços públicos”.

Para isso, será necessário promover – por meio da educação básica, educação continuada, alfabetização, treinamento e cuidados primários de saúde para meninas e mulheres – um desenvolvimento sustentável voltado para o ser humano, incluído o crescimento econômico sustentável.

Além disso, segundo a Declaração, é preciso *“assegurar igualdade de acesso e tratamento a homens e mulheres à educação e a cuidados de saúde”*. A meta é que à mulher seja garantida *“sua mais ampla participação na construção de um mundo melhor para todos, valorizando seu papel no processo de desenvolvimento”*. Afirmam, portanto, os governos que estão *“decididamente convencidos de que o desenvolvimento econômico e social e a proteção ambiental são interdependentes e constituem elementos indispensáveis para um*

desenvolvimento sustentável, condição para a conquista de qualidade de vida para todos”.

Mas, o que será “*desenvolvimento sustentável*”?

Identifica-se como “*um dos pilares necessários para o desenvolvimento sustentável ... um desenvolvimento social que leve em conta a melhoria das capacidades dos pobres, em especial das mulheres que vivem na pobreza, para utilizarem os recursos ambientais de forma moderada*”.

Mas são as mulheres pobres que usam sem moderação os recursos ambientais?

Independentemente desses senões ideológicos e conceituais, na **Plataforma de Ação**, os governos insistem que, em todos os seus programas políticos, “*o ponto de vista sobre os gêneros deverá estar presente*”. Nessa perspectiva, argumentam que

“Para se obter o desenvolvimento sustentável baseado no ser humano, é indispensável que se transformem as relações sociais, promovendo a igualdade entre mulheres e homens. É necessário um empenho contínuo para que mulheres e homens possam trabalhar de comum acordo a fim de que eles mesmos, seus filhos e a sociedade estejam em condições de enfrentar os desafios do século XXI”.

Eles também reconhecem “*que é necessário à manutenção do desenvolvimento e da justiça social um crescimento econômico contínuo de amplas bases, em um contexto de desenvolvimento sustentável*” (Declaração).

Na PLATAFORMA DE AÇÃO, os governos voltam a insistir que “*a igualdade entre mulheres e homens é uma questão de direitos*

humanos e constitui uma condição prévia para o êxito da justiça social, além de ser um requisito prévio necessário e fundamental para a igualdade, o desenvolvimento e a paz”. E mais: que “os direitos humanos das mulheres e das meninas são uma parte inalienável, integrante e indivisível dos direitos”.

Dizem, ainda, que, para “alcançar a igualdade entre os gêneros no mundo todo, é necessária a adoção de medidas imediatas e aceitas por todos a fim de se poder construir um mundo pacífico, justo e humano, baseado nos direitos humanos e nas liberdades fundamentais, incluindo o princípio da igualdade para todas as pessoas, independentemente de sua idade e posição social”.

Para que essa meta seja alcançada, reconhecem que “é necessário um crescimento econômico sustentável amplo, inserido no contexto do desenvolvimento sustentável, para manter o desenvolvimento e a justiça social”.

Se queremos de fato transformar a escola oferecida às camadas da classe trabalhadora e potencializar os movimentos sociais populares, parecem-nos importantes as perspectivas desses Documentos que, em sua maioria, são coincidentes com o que vimos, propondo como condição de um processo educativo integral não apenas na educação básica, mas também na universitária e, especificamente, na formação do profissional da educação.

Por outro lado, esses Documentos nos advertem contra palavras vazias, teatralidade estéril, própria de pessoas investidas de autoridade, tão bem retratadas no romance *Middlemarch - um estudo da vida provinciana*, de George Eliot (Mary Ann Evans), escrito entre 1869 e 1871, mas ambientado na Inglaterra de 1829-1832, que, como comenta Leandro Fróes, ao prefaciá-la sua tradução do romance,

“É um mundo cheio de teatralidade e de belas e vazias palavras, que parece brotar da falsidade e onde a gana por

dinheiro silencia os princípios. Seu representante mais perfeito será o banqueiro Bulstrode, que esconde as falcatruas do passado, origem de sua grande fortuna, sob um opressivo pendor por obras de caridade, hipocrisia religiosa e mandonismo político" (p. 9).

Muitas vezes, é esse o conteúdo das Declarações dos eventos internacionais, quase sempre grandiloqüentes, no interior de um grande palavrório, escondendo as sandices das elites internacionais engolfadas na ganância do dinheiro, dos lucros fáceis sobre as misérias das maiorias. Entretanto, como no romance aludido, as Declarações como as pessoas não são apenas boas nem somente más, “*mas misturas mutáveis de circunstâncias mutáveis, às quais cedem ou resistem*” (p. 11). E mesmo, com explícitos toques feministas em sua obra, George Eliot não poupa as mulheres “*quando a vida provinciana é exposta pelo que tem de mais tolo. Celia se submete ao marido e idiotiza-se na relação com o filhinho, enquanto Rosamond transforma em frivolidade e lascívia o saldo de seu ócio*” (p. 10). O importante parece ser não perder a criticidade diante das situações e das afirmações, quase sempre eivadas de ambigüidades e imprecisões. E de modo especial ser capaz de olhar com simpatia para os indivíduos, “*como se no interior das pessoas houvesse um princípio só e sagrado*” (p. 11).

Os diferentes trabalhos apresentados no **I Seminário Educação e Contemporaneidade**, publicados neste número de TÓPICOS EDUCACIONAIS, querem ser uma contribuição específica para a compreensão da temática da mulher e de suas possibilidades na construção da humanidade do ser humano, enquanto uma conquista cultural que se revela fundamental para este terceiro milênio, buscando superar o palavrório vazio e aderindo aos compromissos com a construção de um mundo distinto.

Esperamos que estes Seminários se transformem numa tradição do nosso Centro, permitindo uma discussão atualizada e pertinente aos

problemas da formação dos profissionais da educação e contribuindo para sua efetiva competência humana e profissional, bem como para seu compromisso com as maiorias de nossa sociedade. E, nesse diapasão, demonstre um novo modo de ver, ainda que muitas vezes sob o invólucro de formas antigas de dizer.

Nesse sentido, parece-nos importante, neste número da Revista, especialmente dedicado à temática da mulher e na tentativa de consolidar suas conquistas, que são conquistas da humanidade, reproduzir a reflexão de George Eliot sobre Teresa d'Ávila, no Prelúdio de seu *Middlemarch*, como o fazemos a seguir.